

SANTIAGO NAZARIAN

Neve Negra



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Santiago Nazarian

Copyright das ilustrações © 2017 by Laurent Cardon

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Guilherme Xavier

Foto de capa

© Daniel Clifford/ Getty Images

Preparação

Beatriz Antunes

Revisão

Carmen T. S. Costa

Clara Diamant

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nazarian, Santiago

Neve Negra / Santiago Nazarian. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2946-1

1. Ficção brasileira 2. Ficção de suspense 1. Título.

17-05167

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*The cats nestle close to their kittens now.
The lambs have laid down with the sheep.
You're cozy and warm in your bed, my dear.
Please go the fuck to sleep.*

Adam Mansbach
(na voz de Samuel L. Jackson)

Ela podia ser minha filha, mas não é.

Acordo e a vejo aqui, confirmando o perfume que faz parte dos meus sonhos. É doce, mas suave. Fresco e ancestral. Inspiração. A cada movimento involuntário ela está dentro de mim. Um suspiro maior e me obrigo a certificar-me em soslaio. Acordar ao lado de uma bela mulher é a melhor maneira de confirmar que estamos vivos.

Quando vê que abro os olhos, ela fecha os seus, fingindo dormir ao meu lado. Durma, que faz tudo planar mais gostoso. Sinto o gosto em minha boca. A química no meu sangue. Puxo o cobertor sobre o colo me perguntando se ela reparou em minha ereção, se não deveria reparar; lateja armada sob minha calça de linho.

Não é por causa dela, não, na minha idade as respostas não são tão objetivas. É essa mistura de bourbon, dramin, melatonina. Meu corpo já está farto e tem reações aleatórias quando deveria apenas se entregar ao sono. Tento nocauteá-lo com os aditivos. Acordo com o membro rígido, a mente fritando, mesmo que os circuitos lá atrás estejam prestes a se apagar nova-

mente, colocar-me em modo avião. Não é uma sensação ruim, longe disso. Tem algo de lisérgico. Talvez a combinação deserte químicas arquivadas décadas atrás, liberte memórias reprimidas, chicoteie o adolescente morto em mim. De repente, se eu apenas retirar o dramin, talvez eu consiga um resultado mais suave. Embora eu não deva rejeitar uma ereção dessas na minha idade, é um desperdício; não há nada que eu possa fazer aqui, agora.

Ela poderia ser minha filha, tem idade para isso, não é, e dorme ao meu lado. Fomos encaixados nessa intimidade incidental. Acidente dos mais bem-vindos. Já viajei o suficiente para saber que uma jovem atraente na poltrona logo ao lado é das coisas mais raras na classe business premium.

O ronco ao redor já é mais costumeiro. Confirma que, das outras poltronas, a vista não é tão agradável. Executivos de meia-idade, terceira idade, acima do peso. Senhoras com a sobrancelha borrada, cílios descolando dos olhos. Gente com dinheiro para gastar em graus a mais de inclinação na poltrona e com o corpo já comprometido por uma vida de satisfações. Excessos. Ronco, pigarro, muco, espirros. As turbinas, o ruído do avião em si é prazeroso para mim, forma uma trilha para aquelas noites que eu gostaria que se estendessem indefinidamente...

É bom voltar para casa, porém mais a volta em si do que a chegada. É melhor pensar no lar quando ainda se está longe. Saber que se está no caminho certo. Que o voo segue seu curso. Que por bons blocos de horas não há nada o que se possa fazer, apenas se perder, apagar, acender, deixar que a mente vague livremente enquanto profissionais ao redor assumem toda a responsabilidade.

A etapa internacional dos voos é a mais confortável, a classe premium, os ruídos silentes da madrugada, poder se deixar levar por fluxos de inconsciência, sendo servido quando quero um uís-

que, uma água, *blockbusters* da temporada e um ou outro filme de arte, ao estalar de dedos. Assim que o avião pousa — de volta à realidade — tem a espera pelas malas, a longa espera pela escala, então o desconfortável voo doméstico para a Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Desço numa ilha para voltar ao continente. Mais de três horas de estrada, num *transfer*, já não podendo me entregar ao sono nem me deixar levar; preciso dar atenção a quem me leva. Com sorte, o motorista não vai puxar conversa. Eu costumava recorrer a um chofer de confiança, para não depender da sorte. Mas a manutenção dessa confiança sempre envolveu muito papo sobre o tempo, a família. Prefiro voltar ao acaso de uma relação impessoal.

A menina ao meu lado se remexe e pigarreia. *Estou aqui, volte sua mente a mim*, parece me dizer. Eu a observo: cabelos castanho-claros lisos, sobrancelha quase invisível, o nariz arrebitado de uma genética irrepreensível, o resto do corpo todo envolto em mantas, cobertores, casacos, tecidos, texturas — e sei que não há nada fora do lugar. É muito jovem para ser uma profissional bem-sucedida. Casual demais para uma prostituta de luxo, ou artista. Deve ser filha de alguém, herdeira. O pai pagando caro para que ela aceite visitá-lo. A mãe pagando para que ela venha voando ao velório do pai... Não, muito despreocupada para alguém de luto. Muito blasée para que seja um upgrade estar na premium. Essa menina tem berço. Nota-se na pele e na forma como leva isso tudo tão naturalmente... como eu.

Eu levaria, se ela não estivesse ao meu lado; ela é incomum para mim e eu não devo ser para ela. Não deve ser incomum para ela sentar-se ao lado de um homem de meia-idade que se questiona quem é ela e como ela terá chegado ali, para onde estará indo. Ela não deve se questionar sobre mim. Até poderia saber, mas não sabe quem sou. Não se interessa. Tenho bom

senso o suficiente para não puxar assunto — isso seria ainda mais previsível. O prazer, afinal, está nas conjecturas sobre a companhia, o mistério e a graça que isso traz. Personagem explicado, perfil esclarecido não teria tanta graça. Melhor fechar os olhos com ela ao meu lado. E sonhar...

“E olha aqui, Rubinho, boa notícia para ti e os turistas de passagem pela região: a meteorologia informa que há grande chance de nevar ainda esta madrugada aqui em Trevo do Sul, São Joaquim e arredores, confirmando a vocação da região como destino de inverno no país. Segundo o Ciram, Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia, órgão responsável pela previsão do tempo no estado, as chances de nevar são de setenta por cento. As temperaturas na casa do zero grau e a presença de umidade são condições ideais para que ocorra o fenômeno, que pode ser até bastante substancioso. As condições de neve permanecem durante os próximos dois dias, mudando apenas no sábado, quando o tempo começa a esquentar um pouco. As temperaturas mínimas — olha só isso — devem ficar próximas de médias históricas, na casa dos sete graus NEGATIVOS! É pra gelar bunda de pinguim. E aí, tu tá feliz? Tu que gosta de frio?”

“Olha, Manga, já gostei mais. Quando era guri, solteiro, cheio de saúde, naquela época gostava de frio, de neve, ia quase todo ano para Portillo esquiar, também tinha uns trinta quilos a menos...”

“O cara é um playboy mesmo. Ia todo ano esquiar...”

“Portillo, bagual, aqui do lado... Tu consegue voar por quinhentos reais, sei lá, dá até para ir guiando se tu for parando...”

“Tá certo, tá certo.”

“Mas hoje em dia não tenho mais pique pra isso. E neve é gostoso assim, nas montanhas, na Europa...”

“Ah, fresco. ‘Neve na Europa é mais gostoso. No Brasil não tem graça.’”

“Não, não é que não tem graça...”

“Sabe como chama isso? Complexo de vira-lata. Tu é um colonizado.”

“Bah, nada a ver, Manga. É que lá fora tem estrutura pro frio, pra neve. Eles sabem lidar, tem todo o esquema para limpar as ruas, as casas são aquecidas...”

“Isso é. Sabe que meu sogro é alemão e ele fala que nunca sentiu tanto frio na Europa quanto sente no Brasil. Porque lá eles têm estrutura, aquecimento. Aqui, se faz dez graus na rua, faz dez graus dentro da tua casa.”

“Exatamente. Imagina então fazendo menos sete. O povo precisa de muito agasalho, cobertor, mate...”

“Um uisquinho. Um uisquinho é bom nesse frio.”

“Pra ti uisquinho é bom em qualquer tempo, diz aí? Se tá calor um uisquinho com gelo...”

“Nah. Não, daí é bom uma caipirinha.”

“Que seja, uma caipirinha.”

“Mas é bom aproveitar para lembrar o pessoal de participar da Campanha do Agasalho. Para quem ainda não doou, tem muita gente que não tá preparada para esse frio todo e precisa daquele teu casaco velho, aquela malha que não serve mais. Tu, Rubinho, agora que tá gordo, que não vai mais esquiar na Europa, pode doar tuas jaquetas de grife que não servem mais.”

“Com certeza, Manga. Já doe e tu ouvinte também pode

doar. O frio ainda deve durar umas semanas e o que tu doa hoje pode servir por muitos invernos para quem tá precisando.”

“É isso aí. Agora vamos de música?”

“Bora.”

“Desencavei uma velharia aqui. Biofobia, lembra? Aquela banda de rock paulista dos anos noventa?”

“Nossa, essa tu desenterrou do túmulo.”

“Vamos com o maior sucesso deles para esquentar essa noite fria. Biofobia com ‘Fé no Inferno’.”

Passo o portão, e o passo já parece errado para mim. Testo os pés nas lajotas. Está realmente frio e há algo como uma fina camada de gelo no piso. Olho para a esquerda e vejo a cachorra me observando encolhida dentro de sua casinha.

“Preta. Ei, Pretinha... papai chegou!”

Falo num sussurro alto, me agachando levemente e batendo palmas. A pastora-belga apenas pisca encolhendo as orelhas, não sai do lugar. Esboça essa mínima reação por ser cachorra e não poder evitar, para um gato o desprezo seria instintivo. Largo as malas, dou um passo à esquerda ensaiando ir até ela, mas sinto os passos incertos pelo gelo e pelo cansaço. Está frio demais, ela não está acostumada com isso; melhor deixá-la tranquila. Seria uma cena típica ela receber o pai de família com pulos e ganidos, mas isso já aconteceu o suficiente para eu saber que na prática não é tão agradável, na prática não é tão prático. Preta pularia em mim para sujar minhas roupas, derrubar-me no chão ou acordar a casa toda. Então a chegada tranquila e silenciosa seria tomada como um evento, e eu teria de cumprir a função esperada de mim.

Não poderia deixar a noite simplesmente se alongar e se diluir de vez e, quem sabe, acordar no dia seguinte mais disposto a cumprir meu papel. Mais fácil cumprir seu papel quando você já desperta nele, nesse cenário, nessa identidade.

Quando viro a chave na porta, respiro aliviado, já sei que os dois estão deitados. A casa parece muda. A casa parece mudada e não sei precisar o que há de diferente nela, na sala. O ar, respira-se mais rarefeito, e me pergunto se também é por causa do frio. É um país que não está acostumado a temperaturas negativas, afinal. Eu estou, mas não neste país, não nesta casa. A casa não está acostumada e não está preparada. O inverno tem de ser anunciado como verdadeiro pelo rádio. O inverno é um fato turístico e eu tento apenas seguir com minha vida. Tento simular algo que se pareça com uma rotina, embora eu não venha tendo muita rotina nesta casa. Ficarei boas semanas agora, de todo modo. Poderei desfazer as malas, colocar blazers no cabide, camisas e cuecas na máquina, tempo para lavar e tempo para secar — isso é raridade. Deixo as malas na entrada da sala ao lado da porta. Não é hora de arrastar rodinhas, abrir armários, acordar família, haverá tempo. Carrego apenas as sacolas do free shop.

Estou a doze quilômetros do centro de Trevo do Sul, na Serra Catarinense, onde devo me sentir em casa. A cidade não tem nada de especial, mas por acaso é onde nasci, aonde foi inevitável voltar. Um homem precisa manter raízes. Um artista precisa saber de onde colher. Ainda que eu tenha um escritório em São Paulo, ainda que viaje pelo mundo, ainda que minha agente me represente mais do que minha família, é aqui que eu teria de chamar de lar; aqui estão mulher e filho; aqui é onde eu deveria estar.

Há doze anos nesta casa com Bianca, há sete com nosso filho, desde que ele nasceu. Bem, talvez já sejam oito... as crian-

ças fazem aniversário todos os anos. Era a casa do meu avô quando eu morava com meus pais na cidade, depois se tornou a casa do meu pai quando eu já morava com minha mulher em São Paulo. Por herança, tornou-se minha; por um surto bucólico resolvemos nos mudar para cá. E agora ela parece um pouco mais isolada, talvez porque a cidade tenha se retraído. Agora ela parece um pouco mais isolada, talvez porque a cidade esteja mais conectada com o resto do mundo. Provavelmente parece mais isolada porque passo tanto tempo em capitais cosmopolitas, e posso voltar para cá com uma perspectiva bucólica. Eu gosto. Minha mulher gosta. Meu filho... acho que gosta. Embora eu me lembre vagamente de alguma mensagem da Bianca dizendo que ele havia começado a se queixar. Ou eu imaginava que em breve ele começaria. Que a escolinha básica não dava mais conta de um ensino razoável. A aposentadoria dos pais não pode coincidir com os sonhos de uma criança, ainda que por alguns anos coincidam. É só que agora, na prática, eu não estou aposentado. Quando decidi levar uma vida mais calma e dedicar mais tempo à arte é que o trabalho começou de fato e tive de deixar a tranquilidade para trás. A casa para trás. Ter me mudado para cá foi o que possibilitou que eu viajasse tanto, acho... Meu filho não tem nada com isso.

Quero tirar os sapatos, descansar os pés, mas a casa está fria demais para ficar descalço ou mesmo de meias. Deposito as sacolas com bebidas na bancada da cozinha. Detesto o desespero dos freeshops, mas não há muito o que eu possa fazer. Não há muito o que fazer nas horas de espera entre escalas, e, por mais que o mundo hoje esteja virtualmente integrado, ainda não há grande coisa em Trevo do Sul em matéria de supermercados, empórios, importadoras. Costumava aproveitar freeshops inclusive para adoçar os reencontros com minha esposa. O prazer da indulgência aos poucos se revelando um ataque ao equi-

líbrio. “Meu Deus, já tivemos tantos chocolates na Páscoa...”, amargurava-se ela sem nenhum traço de sabor; a mesma resposta racional que me levou a parar com as drogas. Cheguei a encontrar Valrhona no lixo; me perguntei se havia algo de muito errado com minha esposa, comigo, com nosso casamento. Experimentei trazer saudáveis maçãs verdes de uma feira em Frankfurt; foram barradas pelas autoridades alfandegárias. Supostamente o problema é com as sementes: sementes estrangeiras são proibidas de atravessar fronteiras. Uma cusparada inconsequente olhando para o jardim, e elas podem se tornar uma praga proliferando-se fora do controle e infestando o país. Um país infestado de macieiras verdes.

Escuto pequenos gemidos no andar de cima. Bom, o menino ainda respira. No segundo seguinte penso se seria minha mulher trepando com outro homem. Seria previsível... razoável... verossímil... nenhum termo me parece adequado e sei que é pouco provável, apesar de tudo. Não é esse tipo de relacionamento que temos. Não é esse tipo de relacionamento que não temos. Que homem viria até esta casa isolada, numa madrugada como esta? (Eu.) Que homem viria bem na noite em que avisei que voltaria? Por que avisei que voltaria? Para minha mulher preparar a casa para minha chegada, para ela mesma se preparar para minha permanência. Os gemidos cessam como para afastar conjecturas. E se os gemidos continuassem, continuariam a ser do meu filho.

O relógio do micro-ondas comunica que é quase meia-noite — e num relógio de micro-ondas nunca se pode confiar. Nesse horário, minha esposa normalmente está acordada — ainda que “normalmente” não seja mais um advérbio cabível aqui. Pode estar na cama com um livro, um chá, um filme em volume baixo. Ela aproveita a madrugada para suas leituras, sua escrita, talvez por isso esteja sempre cansada. Talvez eu tenha me acos-

tumado a dormir mais. Quem sabe tenho dormido menos. Meu corpo está várias madrugadas atrás, minha cabeça continua no impulso de se manter acordada, na inércia de quebrar a barreira do som. Vou precisar de mais ajuda química para acertar os ponteiros, atualizar o fuso e vencer o jet lag. Abro um armário da cozinha e busco uma garrafa de cachaça esquecida-lembrada. Nada. Certeza. Cada vez mais certo de que deixei uma, duas, algumas garrafas de cachaça ali. E quando volto para casa elas continuam a não existir. Talvez minha mulher tenha um problema. Talvez tenha encontrado a solução. O álcool substituindo a mim. O álcool em vez do amante. Lembro-me do conto folclórico português, da mulher que nunca comia na frente do marido e vivia gordinha. Comia escondido por vergonha da gula. Minha mulher não bebe na minha frente e vive tranquila sem mim. Volto-me para as sacolas de free shop e para o Jack Daniels Single Barrel, em que eu sempre posso confiar.

Duas pedras de gelo. Desprendo da bandeja torcendo como se quebrasse a espinha de um coelho. Junto ao estalo, penso ouvir outro gemido do meu filho. “O Gemido do Vinho” — soa curioso enquanto sirvo o bourbon. O nome dele é Álvaro, como meu avô, o dono original desta casa, mas desde cedo não souu correto para uma criança. Teríamos de esperar até que crescesse e coubesse no traje deixado pelo bisa. Assim virou Alvinho, e disso naturalmente para “Vinho”, apelido que tentamos usar apenas em casa para não acharem que o menino tem pais alcoólatras... ou enólogos. Prefiro mesmo o bourbon. Não é preciso nem deixar respirar. Uma-duas-três doses e já estarei dormindo. Foi uma longa viagem, um longo dia, escadas, estrada; posso ter perdido o controle em algum ponto. O piloto pode ter perdido o controle por mim, o motorista. Despencamos serra abaixo, o avião explodiu, fui mandado para uma casa vazia, numa madrugada eterna.

Boto o celular para ressuscitar no carregador. Abro a geladeira e dou com um enorme bolo de cobertura branca com mais da metade restando. Passo o dedo e lambo. Um chantili ordinário: confeitoria local. Reflito sobre qual comemoração perdi. Aniversário de Bianca, aniversário de Alvinho... Ela comemoraria aniversário de casamento ou o meu sem mim? Preciso de carne. Encontro uma bandeja de algo vermelho e cheiro. Tem um leve aroma ruim, não tão ruim, provavelmente o cheiro normal de carne crua. O cheiro que carne crua tem depois de um longo dia não dormido, uma madrugada virada. Pisco uma frigideira. Procuro cebolas, alho, eu costumava ser bom nisso. Quando minha mulher se oferecia para preparar, a carne passava do ponto. Eu costumava preparar para nós dois. Costumava reconhecer o cheiro da carne. Levo ao fogão para fritar. Agora tenho dificuldade em encontrar temperos, pimenta. A ausência de pimenta deixa claro que falta vida nesta casa.

O celular desperta com mensagens de texto na tela. Confirmações de algo que já foi combinado, contatos para eu salvar, minha mulher perguntando que horas chegarei. Não termino de ler. Já estamos entrando na madrugada, podemos deixar tudo para amanhã. Posso me dar ao luxo de permanecer em cruzeiro, ainda que sem serviço de bordo. Posso servir meu próprio Jack Daniels.

Fritando a carne, o cheiro é cada vez mais forte. O chiado, cada vez mais alto. Temo que se espalhe pela casa e suba ao segundo andar, entre no quarto e desperte Bianca como num antigo desenho animado, não envolvendo o rosto e hipnotizando o olfato, mas cutucando sua orelha e estapeando seu rosto. Minha mulher descerá bocejando, esfregando os olhos, parará na porta da cozinha. “O que tu tá fazendo, Bruno?” Eu oferecerei a carne a ela, e ela... “Deus me livre comer uma coisa dessas a essa hora. Tu tá empestando a casa toda, não